

A ESPERANÇA

1.º ANNO

N.º 12

BRAGA 2 DE JULHO DE 1893

A Inauguração da luz electrica



O Concelheiro

Viva o progresso! Viva Braga: a primeira cidade de Portugal, illuminada a luz electrica!
Viva a Sociedade de Electricidade do Norte de Portugal! Vivam os engenheiros Muller e Cortez!
Vivam!

Braga 2 de Julho

ACTUAES PREOCCUPAÇÕES DE BRAGA

Foi n'um dia de sol carbonizador que um conselheiro novo, relativamente relacionado á relativa familia Pimentel entrou em Braga, não só com o pé direito, senão também com o esquerdo.

Esse conselheiro veio para tomar conta, e tomou, das rédeas supremas do commando districtal.

Foi democratissimo na sua entrada, nem podia ser d'outra forma; porque, quem o é na sua terra, deve sê-lo em toda a parte.

Quer nos parecer, porém, que não satisfaz aqui inteiramente o seu programma.

O que se diz é que fez *vir*, á fíra de S. João, a comissão de *re-monta*; que vai *montar* na Regeneração alguns teares, para o que obteve já do governo promessa de 500\$000 reis, e que tem satisfeito, á Croia, alguns pedidos, sobre policia administrativa a seu cargo.

O conselheiro preocupa a cidade. Agora se a cidade preocupa o conselheiro... isso é physicamente impossível, só metaphysicamente se percebe.

De mais, é um governador de Barcellos, que até parece de Braga.

— Quasi todos os periodicos da **cidade dos arcebispos**, no seu entranhado zelo pelo barel, deixam escorrer das suas columnas o apetite preguiçoso das ordens religiosas.

E' uma preocupação da imprensa, que faz lembrar a pica de certos animaes se revolverem, n'aquillo que foi deixado fóra.

Essa gatinha prevê um futuro certo, que a arrasta na corrente, e quer explorar com os braços enfiados na larga manga ou então está a mangar com as tropas.

Quer d'uma forma, quer d'outra, somos sempre comidos.

Ella gosta ou parece gostar, e por isso dá *entrada* á tal *coisa* dos frades.

E' um prazer, ver gente assim de tão bom paladar.

Que tenham muita satisfação e sintam o *deleite* d'essas vigorosas pessoas, é o que nós desejamos.

— Ouvimos por ali vociferar, contra um castigo, ministrado a uma creança, por uma irmã de *caridade*;

mas não é isso coisa para tanto, até deve ser para tão pouco.

Um periodico religioso, bem informado, diz que effectivamente o castigo teve logar, e teve no corpo da creança.

Defende o mesmo periodico a irmã de *caridade*, que deu o castigo; mas a nosso ver não defende bem; devia defender assim: assim como é preciso o alimento do corpo, é preciso o alimento da alma também, o homem não vive só de pão, quem dá o pão, dá o pau é, como estamos em tempo de crise que tudo faz precario e difficil, era justo que ao menos n'aquillo que mais ha, fôssemos prodigos e fartos.

Assim foi, a creança não devia gritar, pois teve pau á discripeção e com muita fartura, se devesse gritar era por mais.

— Por varias partes se falla do dinheiro dos orphãos de S. Caetano.

Ora que se importam esses almas do Senhor com o que é dos outros?

Têm alguma coisa com que creança o numero das pedras, e diminua o dos orphãos?

Isto demonstra nim progresso até. Um só!? dois... progresso social, porque os orphãos diminuem, e progresso da arte e bolso architectónico, porque se levantam edificios.

— Os festejos de S. João continuam na imaginação de todos.

De noite, de dia, a qualquer hora se nos apresentam á vista, bandeiras e galhardetes *fluctuantes*, o *altivo* cerro de *phantasticas* sombras, *mansas* aguas, visões de Doré, abrigos *noturnos nas noites*, etc. etc. per omnia saecula... cantarei assim...



O ZE' ARTISTTA

Os festejos ao S. João encheram a barriga, e ultrapassaram a paciencia e resistencia do Zé gosante.

A tal visão de Doré, porém, o tal S. Christovão a *jusante*, as tres corridas, o tal cocanhe, o tal premio Corréa, a tal iluminação da rua das Aguas, o tal fogo de artificio etc., não produziram as *phantasticas* coisas tam eloquentemente promettidas, de resto tudo em demasia; o Zé levou a barriguinha atestada e a bolsinha encolhida.

Quanto a musica foi uma farturinha, louvado seja Deus, nunca se viu nem sentiu tamanha enchente.

O timpano popular ficou a vibrar indifinidamente; ainda para o anno, por este tempo, ha de *abandar*!

Carocolos! foi de cair... em todos os sentidos.

Das musicas que concorreram ao *exame*, a que mais cahiu no goto do Zézinho foi o 17, no entanto o jury sapientissimo, de partitura em punho, entendeu o contrario e graduou-a em terceiro logar.

Que tenha muita paciencia, o receba o papel para... qualquer efeito.

Se agradou a todos em geral, motivo já de sobejo para lhe fazer levantar a *cabeça*, não agradou em especial ao jury, e este quasi sempre, como alto senhor de magno *pavilhão* e de timpano transparente, contraria a apreciação reles da massa leiga na materia.

Para estas questões de orellas, e dos mais *orificios* humanos, ha sempre especialistas em contrario ao vulgar, ao banal, ao commum e pelintra.

Talvez seja systema de mostrar a especial—especialidade, especialisada pela especialização do sentir geral.

O 3 de Vianna recebeu os 50\$000 reis, mas quanto á opinião chula devia antes receber os 30...

E' tudo assim, muito bem.

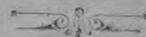
Apezar de tudo, tudo correu bem.

A comissão merece a nossa benção de contribuinte; fez *multissimo*; mas podia fartar mais, até enfastiar, se cumprisse á risca.

Precisa no entanto de, para outra vez, ser mais *methodica* e marcar horas regulares para tudo.

Não é impunemente que se abusa da paciencia do Zé, depois de uma noite de folia, fazendo-o esperar por uns *trac-tracs*, sem ouvir um côro de pirolito e assobio.

Assim o quizeram assim o tiveram.



PICUINHAS

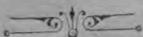
Em quanto sentado á mesa
Eu accendo o meu *brejeiro*,
Metto a penna no tinteiro
E me ponho a matutar;
Deve estar a D. Electrica,
Depois de ter tanta cruz,
Dando á luz a sua luz
Que em Braga vae scintillar.

Vou d'aqui já ao Vianna
Pela Electrica brindar,
Onvir rollias estourar,
Vêr a espuma do Champanhe;
Apezar de depennado
Dez tostões vou arranjar,
Ainda que os vá buscar
A um mastro de cocanhe.

Quero um hurrah levantar
N'essa festa tão pathetica,
Por essa companhia electrica,
Por todos esses suissos,
Por todos que trabalharam
Directa indirectamente,
E por saber que essa gente
Satisfez aos compromissos.

Essa guerra dos *gazosos*
Que ha tempos se levantára,
Que deviam pôr a cara
Onde eu ponho as minhas botas;
Prova bem que n'esta terra
Ha certos homens nefandos
Tão tórpes, vis, excerandos,
De barriga *patriotas*.

Mómo Junior.



DE GALHOFA

ELLAS

—O' Rosa eu ando mais triste que num fazes indeia.

—Antão porque Magdanela?

—Ora, porque lá foram as festas... A diverti-me tanto eu e mais o meu Antoni, que beio de Trandeiras... Que soidades!

—Isso soidades são seecuras. A ti bem te foi Magdanela, mas a mim é que as festas num me deixaram soidades. Se tu andas triste eu ando estifeita. Andei cheia de serviço... cheia de patrões... cheia de hospedes que num teve um momento meu.

—Eu lá d'isso d'hospedes num fui tão desinfeliz como tu Rosa... Lá a minha senhora num é de visitas... O patrão é hó home e faço d'elle quanto quero, a coisa é leval'o com goitinho.

—Pois olha eu cá ando n'uma dobadou-ra. Só por outro dia me dilatar com o Francisquinho da botica, num foi nada, foi um restolbo dos diabos.

—Não que olha... faz como eu. Num dês treta a estes badamécos cá da terra...

São uns marotos... uns atrevidos. Inda outro dia audava ali um que lhe chamam o Tota Motta ou Motta Tota ou que diabo é e eu mandei-o pentear maecos.

—Ora, essa poga sem rabo já nun dia d'estes me veio attentar... mas eu disse-lhe, outro modo de vida sê Zê da vestia...

—Bem faço eu que não largo o meu Antoni... E' verdade ó Rosa, tu tambem devias ter arranjado o obo do S. João.

—Um obo! P'ra que é isso?

—Antão tu nun sabes?... E' que no dia de S. João deita-se um oço n'um copo meio d'auga e depois de meia hora vê-se ou uma tumba que é signal de morte, um navio que é signal de atravessar angas do mar ou uma egreja que é signal de casamento... Mas o obo é preciso que seja d'esse dia... Ora eu botei o obo o anno passado e sahiu-me uma tumba, e ha cinco mezes morreu meu irmão e este anno antão que estifação eu tive, sahiu-me uma egreja que é signal de casamento. Eu logo me quiz parecer que o meu Antoni não me enganava.

—Pois tenho pena de num botar tambem um obo, porque so me num daba de saber o que quer o Francisquinho de mim... Mas eu sou muito desinfeliz!... Elles todos são hós Madagnela... O que elles querem todos bem o sei eu. Adeus inté oitra incasião.

Zallo.



FRIOLEIRA

Foi triste e desolador
O grande Saragoçano
Dar no S. João d'este anno
Chuva, vento e trovoadas,
Tudo quanto elle previu
Não foi mais do que uma praga
Que cahiu na augusta Braga,
Que parece excommungada.

Que esta Braga tem feitiço,
Que é malfadada, infeliz,
Isso toda a gente o diz
Creio ninguem o contesta;
O mal todo d'esta terra,
'Stá na grande hypocrisia
E n'essa patifaria
Que de ha muito nos infesta.

Espião.



ZIG-ZAGS

Lá passou na Universidade um tal Camello; se passasse no fundo de uma agulha era espantivel, por lá não é raro.

*

Ao baleão dizia o = *caixeiro*:
V. exc.^a deve ser minha *fregueza*. Antes de mandar vir do Porto ou de Lisboa, queira procurar *aqui*, (e estava agarrado ao... metro) pôde ser que eu tenha *coisa* que lhe sirva.

ENIGMA

Elegante, setinoso
Agrada tanto á vista,
Que, no seu todo carnoso.
Trincar não ha quem resista,

Ao meio um rego estreito.
De pelle, as vezes, cercado,
É tam lindo, tam perfeito
Que se torna cobiçado.

É redondo, vos direi,
E com mais ou menos côr,
Enterrar-lhe o que eu cá sei
Appetece com furor.

P'ra isto bem saborear
Inda mais que o pão de ló
É fugir de estranho olhar.
Começa em P e finda em O.

D. Ruy.

A decifração do enigma do n.º 44 da VESPA é—ARRUDA. Foram decifrados os srs. Latourrette, Manel das Mocas, Fr. Thomaz, Setiet, Odeirila e D. Paucas.



CHARADAS NOVISSIMAS

1-2—É' ruim, n'este imperio este engenho.

1-2—Da musica arranco um jorro d'agua.

Kagado 1.º



EXPEDIENTE

Ha uma falta para com todos os nossos assignantes de que temos a pedir desculpa. Essa falta foi o não se ter publicado o nosso jornal no domingo passado, por via da vespera e ante-vespera d'esse dia serem de festas e estarem as officinas lithographica e typographica fechadas. Em compensação damos hoje uma pagina especial dedicada aos festejos do S. João.



«A VESPA»

Hebdomadario humoristico e de caricaturas

Publica-se aos domingos

PREÇOS: Trimestre 250 reis, semestre 500 r. ó, anno 13000 reis, avulso 20 reis. Pagamento adiantado. Redacção e administração rua do Conselheiro Junuario 22 a 26.

BRAGA

Typographia e Lithographia Camões
Editor responsável
MANOEL JOSÉ DE SOUSA



ZÉ — O' sôr Braga Junior, um raio me parta s'eu num bon fazer queixa de homecê á policia. Pois antião homecê heia essa porcaria á necessaira e num bê que pode alebantar uma inpedemia?

— Não te assustes meu Zé que eu vou mandar despejar-lhe em cima uma sacca de chlorêto de cal.

ZÉ — Uma sacca num chegá a nada: home, carregue lhe ahí c'umas hinte e ainda assim num sei o que será!!!



Carissimos assignantes e leitores

Um gravissimo transtorno lythographico oppoz-se a que nós publicassemos no domingo passado o presente numero.

Desculpae carissimos esta falta que nós prometemos fazer a deligencia para que ella se não repita. E sãm mais aquellas adensinho até domingo.

R. R.

Braga Junior



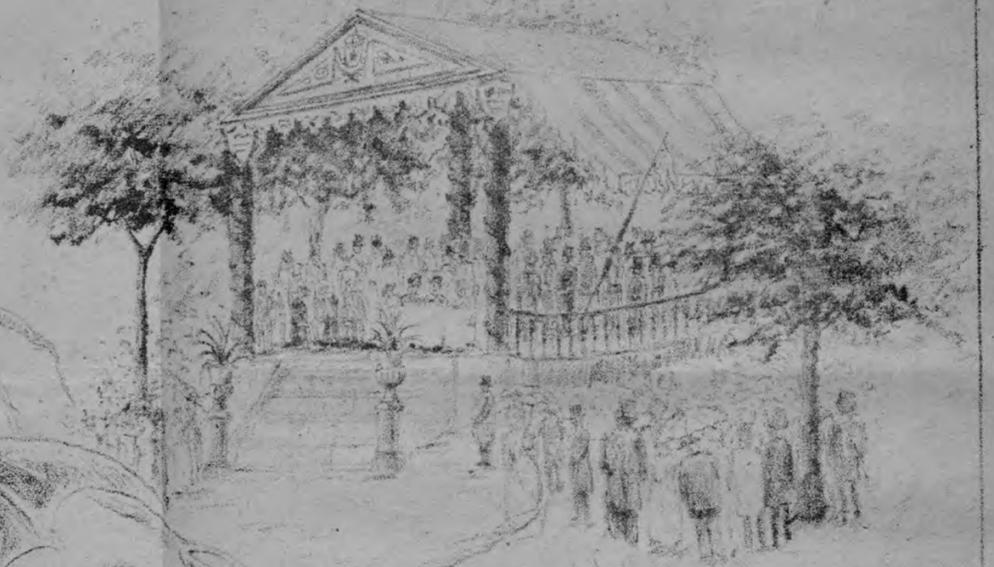
JOSÉ AUGUSTO CORRÊA
O sympathico e incansavel presidente da
comissão dos festejos

OS FESTEJOS



A VISÃO DE DORÉ

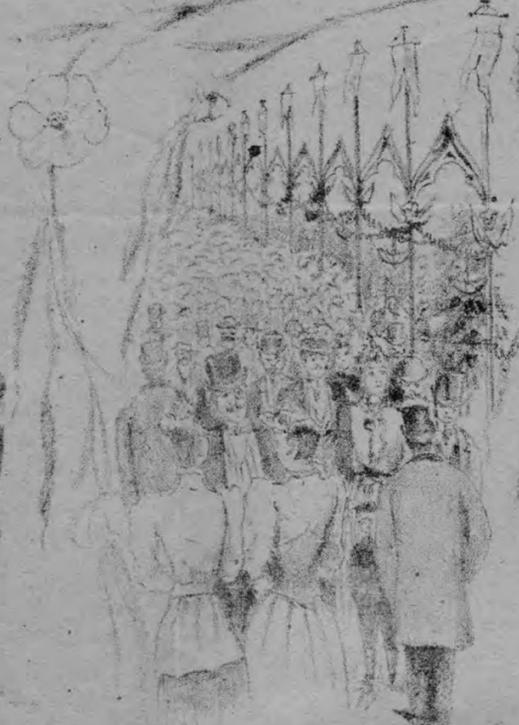
Aspecto do Pavilhão do jury, autoridades e convidados, durante o certamen musical



A rua da Ponte na noite do dia 23



Luz electrica



Aspecto da rua central do passeio publico,
na vespera do certamen



Arratal em S. João da Ponte

Handwritten signature or mark in the bottom right corner.